

## OS “PASSOS” DO FREVO *Jorge de Lima*

Para o “passo” ser feito e se poder cair na “onda” é preciso antes de tudo ter o *élan* de quem vai jogar “capoeira”. Depois é necessário ritmo, ritmo de marcha-frevo com variantes diversas, ora apressado, ora lento, ora crescendo, ora decrescendo, ora suave, ora violento, louco. Todas as outras danças, por exemplo o maracatu, podem ser estilizadas em suas figurações pelos eruditos menos o frevo, justamente pelo cunho irredutivelmente selvagem que há nos menores movimentos e atitudes dos dançarinos.

Dança para a massa a que adere a gente chamada fina, imitando os lutadores de “capoeira do pátio do Mercado” fingindo puxar a faca de ponta, riscá-la no chão: vistos de longe aquilo parece uma onda briguenta mas uniforme, ora serena ora agitada. Por isso é que o “frevo” é conhecido também por “onda”. No fim — dança religiosa e guerreira em que as atitudes são as de prostrar com o golpe rápido das pernas o adversário, estatelando-o na poeira.

Mas o “frevo” possui “passos” dignos de registro. Assim, depois que os dançarinos caem na “onda” depois de pular, de requebrar os quadris, o camarada geralmente faz o “corrupio”

No “corrupio” o dançarino gira velozmente na ponta do pé, para depois cair bruscamente quase encostando os fundilhos no chão. Então, começa um curioso movimento de pernas: mãos nos quadris, o tipo se levanta turbilhonante e já meio desvairado. Depois, baixa-se corrupiando; e de cócoras lança as pernas, ora uma, ora outra para a frente. É preciso muita agilidade para que o dançarino consiga equilibrar-se nessa posição sem nenhuma bravura, como os russos o fazem ao dançar.

Depois de voltar o corpo à atitude ereta, mas sempre se requebrando e de mãos levantadas, deve-se imediatamente fazer o “passo da tesoura”

Nada disso tem ordem porém; os dançarinos podem fazer primeiro o “passo da tesoura” ou começar pelo “corrupio”, ou mesmo pelo “chã de barriguinha”

O “passo da tesoura” consta de um singular movimento de pernas, tendo os braços levantados e saltando ao mesmo tempo. Primeiramente o dançarino permanece na ponta do pé esquerdo e com a perna direita atravessada sobre a coxa esquerda faz de conta que é uma tesoura aberta. Em seguida dá uma meia-volta rápida e cruza a perna esquerda sobre a coxa direita.

Há uma certa gente que fornece os melhores dançarinos: os desordeiros e os malandros do pátio do Mercado e dos botequins e dos *bas-fonds* nordestinos.

O mais curioso é que a pessoa que se dispõe a dançar o frevo, imediatamente consegue se integrar no ritmo da dança. Só no ritmo. O ritmo é o menos. Aprender os passos dos malandros, os passos de “capoeiragem” é que é a coisa. Conhecem alguns grã-finos os passos mais fáceis: os mais difíceis e nos quais os dançarinos se arriscam a quedas violentas, são privilégio da massa, mais vivaz que a outra classe.

A “chã de barriguinha” consiste no seguinte: os dançarinos, um pouco afastados, se dirigem *vis-a-vis* como quadrilha, ora abaixando a cabeça ora levantando-a, o ventre encolhido, até o instante em que quase tocam-não-tocam, realizam inesperadamente a umbigada, dão com a cabeça para trás, e, depois de uma rapidíssima reviravolta, se afastam, sempre pulando, sempre agitando os quadris. Em seguida, assim que estão distanciados um do outro, voltam ligeiramente a cabeça para trás, e se entrechocam as nádegas violentamente, depois empinam com a máxima rapidez o ventre para a frente. Isto representa uma outra “chã” — oposta à “chã de barriguinha”

Não quero é esquecer do passo do “urubu malandro”: o dançarino derreia o ombro direito, encolhe o pescoço, curvado como um urubu ferido. Denota uma tristeza fingida no semblante, para dar a impressão perfeita do urubu malandro e sem ventura. Em seguida, estende a perna direita e encolhe a esquerda. Com os braços caídos ao longo do corpo e arrastando sempre a perna direita, produz com o corpo vários movimentos, ora num lugar só, ora mudando de sítio. Devo dizer que esta modalidade do “passo” é uma das mais fáceis, de grande efeito, engraçadíssima, porque, de repente, o dançarino sai dessa posição para cair no “passo do caranguejo” ou no “passo do siri congado”

No “passo do caranguejo” o dançarino abaixa-se bruscamente e, quase de cócoras, encolhe os braços e coloca as mãos nas axilas. Em seguida, balançando sempre a cabeça ora para um lado ora para o outro, caminha vagarosamente para a frente e para trás, num círculo muito fechado mesmo, de goiamum espantado pelos moleques.

Em Pernambuco, de noite, vendo o frevo da Ponte da Boa Vista, temos nitidamente a impressão de um mar revolto: os dançarinos, de braços erguidos para proteger os lança-perfumes, formam um imenso lençol de prata, sob os focos da iluminação pública.

Devemos fazer várias “chãs” sem esquecer de passar “sebo nas canelas”

Pois o “sebo nas canelas” é outro curiosíssimo acidente do frevo. Aqui os dançarinos, tremelicando os ombros, vão se abaixando, até ficar quase de cóco-

ras. Depois, com as mãos, esfregam as canelas fingindo lubrificá-las, executando os passos mais incríveis que se pode ver.

Mas, nada disso se compara ao “frevo-capoeira” Neste, o dançarino finge puxar a faca “peixeira” e cravá-la no comparsa. Depois de pulos ora para trás, ora para a frente, os dançarinos riscam a faca no chão, tomam atitudes hostis ou baixam a cabeça ou a suspendem ferozes, improvisando novas investidas, se imaginam reis selvagens em duelo, gigantes, grandes tipos da tela ou do cangaço.

Muitas cabrochas incendeiam o ar de heroísmo e de algum “pituim”: é quando os lutadores representam melhor, os olhares que se lançam mutuamente vêm de muitos séculos de guerra, e embora seja gente dos mocambos, das gamboas ou das praias, muitos até opilados ou impaludados ficam transfigurados de bravura coreográfica.

Ainda muito saudoso do grande frevo, o jovem estudante que veio cavar a vida no Rio, começou a involuntariamente a fazer o “corrupio” e a figurar estu- pendos passos de “tesoura” num cordão carnavalesco que vinha pela Avenida no terceiro dia de Carnaval. A dança estranha interessou subitamente os foliões. Formou-se uma roda para ver o dançarino. Com os aplausos, o moço se desdobrou nas mais autênticas reviravoltas, fingindo riscar “peixeira” passando “sebo nas canelas”, avançando de “chã de barriguinha” ao encontro de várias havaianas. Aí o excessivo menear de cabeça fez massagem na medula do dançarino transformado em anhangá girador, azougue vivo, roda de braços e de pernas. Um “corrupio” que ele produziu na ponta do pé, caindo em parafuso e concluindo uma capoeira imprevista estarreceu a grande massa. O moço sentia a cabeça separada do tronco; e os membros multiplicados como os de um deus oriental lhe transportavam as reverências do mundo que o crânio isolado e meio tonto apenas controlava. Mas houve um momento em que a paisagem começou a mudar assustadoramente, os foliões ficaram de cabeça para baixo formando como um diafragma que ora se apertava em torno de seus corrupios ora se alargava até as montanhas próximas. Foi neste momento que o levaram para a assistência, ensopado de suor e de lágrimas.

[O Cruzeiro, s/d]

